

Rubem Braga 29/8/69

Lembrança de Dois Amigos

Aníbal Machado contava que, algum tempo depois de casado, se viu desempregado e sem dinheiro no Rio. Desempregado, sem dinheiro e com várias filhas meninas. O português, dono da casa em que ele morava, tinha um ar feroz, mas era a flor dos senhores: esperava meses e meses que «seu doutore» pudesse dar alguma coisa por conta dos atrasados. Mas nem todo credor era assim, e alguns vinham todo dia bater à porta, enchendo de angústia o escritor.

«O que me salvou foi a praia» — disse Aníbal.

Metia um calção de banho e ia para a areia. Lá respirava feliz, diante do mar. Um dia viu um credor que andava de um lado para outro, na calçada. Fêz que não viu — e caiu nágua. O homem foi-se embora...

Se o Rio de Janeiro não tivesse mar, seria a Capital da angústia. Vivi aqui dias tristes, sombrios, em que faltava não apenas dinheiro como liberdade. Era perigoso visitar um amigo ou receber uma visita; conversar num bar ou num café, ainda mais. Só havia um território livre, democrático, limpo, onde a gente podia se encontrar: a praia. Com o vento do mar e o sol que brilha para todos. E as ondas recitando Baudelaire: *homme libre, toujours tu cheriras la mer...*

Os problemas do Brasil, as mesquinhas de nossa vida pública, a miséria fundamental de nosso povo, todas essas coisas que de repente cansam e desanimam uma pessoa sensível. Evandro Pequeno encontrou uma solução: «eu sou um sueco em trânsito».

Não saber de nada, não entender uma palavra do que estão dizendo e escrevendo por aí, não ter nada a ver com nada, não se sentir responsável por nada, não ter vergonha de nada: ser um sueco em trânsito.

E, se possível, como Evandro Pequeno fazia, tocar fagote.

DN 29.8.69

DN 3.3.66

M 383

AN
nº 32